

MEDIAÇÃO IMAGINANTE: AS MEDIAÇÕES ARTÍSTICAS REALIZADAS PELO GRUPO PATAFÍSICA

OLIVEIRA, Priscila Costa¹; ROCHFORT, Carolina Corrêa²; SCHEVCZUK, Aline Añaña³; BOSICA, Giovanni Fonseca⁴.

¹Acadêmica do Curso de Artes Visuais Modalidade Licenciatura (CA/UFPeI). costaoliveira.priscila@gmail.com; ²Professora vinculada ao Curso de Artes Visuais Bacharelado (CA/UFPeI) e coordenadora do projeto. carol80cr@yahoo.com.br; ³Acadêmica do Curso de Artes Visuais Modalidade Bacharelado (CA/UFPeI). alinerhcp@hotmail.com; ⁴Acadêmico do Curso de Artes Visuais Modalidade Bacharelado (CA/UFPeI). giovannibosica@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Esse texto apresenta as atividades práticas realizadas nas ações de mediação mediações do grupo de mediadores artísticos, denominado Patafísica¹: mediadores do imaginário, que atua na Galeria do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, A SALA.

O grupo, formado por alunos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado, procura estudar, experimentar, construir e propor *mediações práticas*, que buscam transformar a vivência e experiência dos visitantes. As *mediações práticas* exploram a criação e o fazer, propõem reflexões, instigam a interrogação. Saindo do método tradicional, de somente expor conhecimentos artísticos, o grupo promove bem mais do que a aproximação entre obra e público, procura conduzir práticas que envolvem lembranças e memórias de cada sujeito, isto, implica levar em consideração todo repertório de vivência do mesmo. Pois, entendemos por mediação artística a experiência estética de cada visitante, que tomando a imagem/obra para si, tem seu conteúdo reestabelecido, atualizado. Dentro deste conceito, o grupo estuda e propõe a mediação artística com o objetivo principal de estimular a "imaginação criadora"² em crianças e adultos.

2. METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

O método de mediação artística do grupo só faz sentido quando o visitante deixa de ser um simples observador e passa a ser ativo, trazendo para o restante do grupo suas sensações, percepções e memórias. Os mediadores procuram ativar o que Bachelard (2005, p.7 e 31) denomina como "repercussão", que é colocado quando tomamos para si experiências, imagens, poemas, ou seja, quando assumimos como nossos esses sentimentos e os modificamos, interferimos. O indivíduo passa a reestabelecer significados conforme as experiências, tendo um

1 Patafísica, o nome dado ao grupo, é a "ciência das soluções imaginárias e das leis que regulam as exceções", como, por exemplo, o besouro, que contraria as leis da ciência, que dizem que ele não pode voar. Existe o *Número de Reynolds*, uma fórmula matemática que diz o que pode, ou não voar e, o besouro é o único que contraria a física e a aerodinâmica desta fórmula. O coeficiente, número ou módulo de Reynolds (abreviado como Re) é um número adimensional usado em mecânica dos fluidos para o cálculo do regime de escoamento de determinado fluido sobre uma superfície. É utilizado, por exemplo, em projetos de tubulações industriais e asas de aviões". Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Coeficiente_de_Reynolds> Acesso 14/07/2012.

2 Bachelard (1991) denomina imaginação criadora aquela que se relaciona às imagens sublimadas pelos arquétipos – ar, água, fogo e terra – que cumprem a função do irreal e colocam em movimento a articulação simbólica entre o mundo interior e o mundo exterior do indivíduo.

novo olhar sobre sua vivência/memória que é atualizada a cada nova experimentação.

A prática proposta pelo grupo tem o objetivo de ser criativa, integrar o visitante, a obra, o artista e a exposição. Para isso, trabalhamos o fazer e o pensar simultaneamente. Estimulando a curiosidade de cada sujeito, na busca pelo saber e sentir, vamos além da leitura iconológica ou iconográfica da obra de arte.

A cada exposição que a galeria do Centro de Artes realiza, o grupo se reúne para uma conversa com o artista expositor, no intuito de saber mais sobre sua vivência, seu processo de criação e como ele se relaciona com a obra. A partir desse contato com o artista e um estudo prévio sobre e sua vida e produção, nos reunimos e criamos, de forma conjunta, uma prática de mediação artística para aquela exposição. O grupo de mediadores é o primeiro a experimentar tal prática, para em seguida pensar, modificar ou adaptar, se necessário, a proposta prática de mediação.

Esta é a ideia de mediação que apresentamos através das experiências compartilhadas, e conseqüentemente sua prática é pensada de forma diferente em cada exposição, pois trabalhamos com as questões, ou os assuntos/temas centrais da exposição/artista. A mediação geralmente inicia com as apresentações (do grupo visitante, dos mediadores e, em alguns casos, do prédio), um primeiro contato de fala informal que gera um momento de descontração, onde os mediadores podem perceber se a prática “planejada” está de acordo com as necessidades dos visitantes, uma vez que a mesma pode ser recriada no instante em que está sendo construída.

A partir de então, o grupo perde a divisão mediador-visitante e passa a ser um grupo aberto a pensar sobre o que poderá acontecer, a partir do encontro entre obra/artista, mediador e visitante. Neste momento, todas as observações passam a ser consideradas e as informações moderadas, pois, aqui, menos nos importa o que “o autor quis dizer”, mas sim o que percebemos no encontro, a partir do que estamos vendo e em conjunto com uma grande troca de opiniões. Acreditamos que a experiência³ com a obra de arte pode ser prejudicada pelo excesso de informação.

Ainda assim, não descartamos a importância do conhecimento técnico sobre as obras na hora da mediação, mas priorizamos o sentir, a interpretação, a experiência do que está sendo vivido, para que a visita à exposição não seja um simples encontro com a obra (seus valores cromáticos, visuais e semióticos), mas, uma experiência do sentir, que gera sentido para cada sujeito. Nosso interesse está na troca de ideias, de concepções, de olhares com o eu do visitante, ativando nele, memórias que de alguma forma o fazem se identificar com o que está experienciando; pois, entendemos que a imaginação, a fantasia e os devaneios também fazem parte da construção do real.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira mediação com esse método foi na exposição *Metamorfoses e Heterogonias* do artista Walmor Corrêa. Os mediadores participaram da conversa

3 “Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento.” (LARROSA, 2002, p.27).

com o artista realizada pela A SALA, onde ouviram o artista falar sobre sua infância, a influencia do seu pai, o seres que imaginava, a fantasia que criava e como tudo isso influenciou na sua poética artística. Partindo desse ponto, o grupo pesquisou artigos e textos sobre Walmor Correa que foram submetidos a reflexão durante nossas reuniões. Em outro encontro dedicamo-nos a pensar uma prática que unisse o tema abordado pelo artista (animais híbridos, inexistentes, seres fantasmagóricos) e sua vivência. Sendo assim, optamos por uma prática que instigasse a imaginação criadora dos visitantes.

Recebemos os visitantes de forma acolhedora, os levamos para uma sala do Centro de Artes/UFPel e pedimos para eles criarem desenhos de animais ou pessoas que eles conhecessem de ver, ouvir ou ler, ao fundo colocamos as músicas do disco Arca de Noé⁴. Logo, os visitantes foram levados à exposição. Durante a mediação, na galeria, mencionamos curiosidades sobre o artista, sobre parte de sua vivência que influencia e influenciou sua poética, e dialogamos sobre os processos de construção das obras. Depois, se construiu uma “interação prática criativa”, na qual, procuramos estimular a imaginação dos visitantes. Dividimos uma folha Sulfite A4 em três partes (cabeça, tronco e pernas) cada parte representava uma porção do corpo de um animal qualquer. Cada um desenhava uma das partes, dobrava (escondendo seu desenho) e passava para o próximo que deveria desenhar outra parte sem ver o desenho anterior, e assim por diante. Lembramos, que nesta etapa os mediadores também fazem parte do grupo, pois percebemos que desta forma os visitantes se sentem mais à vontade (ao perceberem que nem todos os mediadores são exímios desenhistas, por exemplo), ficando apenas um dos mediadores como “orientador” da atividade. Após concluir as três partes do animal, o papel foi desdobrado, revelando as criaturas desenhadas. Repetiu-se três vezes o processo para que cada visitante pudesse ficar com um desenho.

Após as mediações o grupo torna a se reunir para refletir sobre a prática de mediação: como funcionou, se foi satisfatória, quais os apontamentos feitos pelo grupo e se é necessário fazer alterações.



Figura 1 e 2.: imagens criadas pelos visitantes da Escola Estadual Felix da Cunha na prática de mediação da exposição *Metamorfoses e Heterogonias* do artista Walmor Corrêa, em 2011.

4 Disco Infantil de Vinícius de Moraes, lançado em 1972.

4. CONCLUSÃO

As mediações, apesar de terem um plano de atividades, trabalham com o que acontece no encontro entre obra/artista, visitante e mediador. Assim, as mediações sempre se renovam, e os mediadores e visitantes transformam-se a si mesmos a cada exposição e a cada nova experiência.

Em uma mesma exposição, percebemos que cada grupo de visitantes traz consigo, um sentimento e uma experiência diferentes. Cada grupo afeta e influencia diretamente os mediadores, por isso, é sempre um desafio diferente receber um novo grupo. Quando um grupo que foi mediado se despede, temos o sentimento de ter modificado, realizado uma mudança/transformação em cada indivíduo.

Assim, sobre o resultado que apresentamos, não temos como comprovar com números, ou dados estatísticos. Trabalhamos com um resultado que é, em certa medida, invisível, mas com uma força intrínseca que só a experiência traduz. E para não traduzir, talvez, apenas possamos dizer que percebemos um aumento na procura por nossas mediações. Por isso estamos mirando novos espaços de atuação.

5 REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo: Versus Editora, 2010.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

_____. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

MARTINS, Mirian Celeste (org). **Mediações: provocações estéticas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação, 2005.

_____. Arte, só na sala de aula? **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011. Disponível em:
<<http://caioaba.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9516/6779>> Acesso em 20 out. 2011.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Texto original da 1ª Conferência de abertura do IIº COLOQUIO INTERINSTITUCIONAL SOBRE IMAGINARIO, CULTURA E EDUCAÇÃO e do Iº de COMUNICAÇÃO, degravado e organizado por Alex Vergínio Assunção, alunos do programa de mestrado em educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, 2002.